Bruno Cernigoi Delecave e Igor Silva Campos

XIX ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

grupo de trabalho

07

Ensinar sociologia na cidade e pela cidade: Uma abordagem freireana para a introdução dos pais da sociologia

São Paulo, SP

2025

ENSINAR SOCIOLOGIA NA CIDADE E PELA CIDADE: UMA ABORDAGEM FREIREANA PARA A INTRODUÇÃO DOS PAIS DA SOCIOLOGIA.

Bruno Cernigoi Delecave[1]
Igor Silva de Campos[2]

RESUMO

O objetivo do artigo é analisar a prática pedagógica do emprego da sociologia urbana e o uso da cidade como ferramenta didático- metodológica para introduzir os pais fundadores da sociologia (Marx, Durkheim e Weber) no novo ensino médio. A metodologia mobilizada é a abordagem qualitativa em dois sentidos: o relato de experiência com base na observação participante em sala de aula, a segunda é a revisão bibliográfica integrativa de conceitos fundamentais para refletir o caso empírico, desenvolvendo avanços sobre um protótipo de metodologia em sala de aula para o ensino de sociologia. A inspiração em que o trabalho será embasado é a pedagogia de Paulo Freire, no qual o professor se torna um facilitador, guiando o educando a explorarem suas próprias ideias e realidades. O objeto da análise foram cinco turmas do turno matutino, o que corresponde a uma média de 40 alunos por turma do 1º ano da Escola Estadual de Ensino Médio Dom Daniel Comboni na cidade de Nova Venécia, Espírito Santo. As conclusões do texto se sustentaram na reflexão crítica sobre aplicação em sala de aula, analisando os resultados percebidos pela experimentação didático-metodológica no engajamento dos alunos, com sugestões de aprimoramentos futuros. O produto final propõe tornar uma ferramenta facilitadora encontrada para o professor de sociologia do ensino básico que convive a árdua tarefa de transposição do conhecimento dos itinerários formativos para o chão da sala de aula.

Palavras-chave: Ensino, Sociologia, Transposição didática, Sala de aula, Práticas pedagógicas.

[1] Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) - RJ, branco, cisgênero, bruno.delecave@gmail.com;
[2] Graduado pelo Curso de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) - ES, branco, cisgênero, igorsilcam@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O presente texto surgiu como forma de tentar aprimorar aulas cotidianas vivenciadas pelos professores de sociologia e autores do texto em que diversos momentos de sua trajetória encontraram dificuldades de apresentar conceitos clássicos aos seus educandos de ensino básico.

Embora a sociologia não possa ser reduzida ao estudo da vida urbana, é inegável que seu desenvolvimento inicial foi profundamente influenciado pelas transformações sociais decorrentes do êxodo rural, da industrialização e do crescimento das cidades. Desde Charles Dickens, Victor Hugo e Charles Baudelaire, ou João do Rio no Brasil, a percepção das cidades como um problema foi o flagelo que permitiu o desenvolvimento da Sociologia (Bresciani, 1989).

A partir da cidade, Durkheim vai se preocupar com a anomia social, Marx vai denunciar a trágica vida dos trabalhadores nas cidades inglesas e Weber vai se preocupar com o desencantamento do mundo que foi fruto da modernidade e com a compreensão das motivações individuais que levam à ação social (Aron,1999). Portanto, a sociologia tem refletido sobre o fenômeno urbano e as complexas relações e contradições que circulam as ruas e avenidas no desenvolvimento da malha urbana no momento em que a modernidade nasce no horizonte da história.

O objetivo do artigo é analisar o emprego da sociologia urbana e o uso da cidade como ferramenta didático- metodológica para introduzir os pais fundadores da sociologia (Marx, Durkheim e Weber) no novo ensino médio.

No caso empírico aplicado, antes de introduzir os autores iniciais da teoria sociológica, foi apresentado a cidade moderna como resultado dos processos de rupturas com a ordem política, social e econômica da Idade Média. Assim, como forma de experimentação, na segunda aula do ano letivo, em fevereiro de 2025, fora passada uma atividade onde os alunos do 1º ano, da Escola Estadual de Ensino Médio Dom Daniel Comboni na cidade de Nova Venécia, Espírito Santo, deveriam desenhar em uma folha de papel de forma rudimentar os

trajetos que realizam diariamente na cidade, incluindo horários e meios de transporte usados, bem como o custos, a fim de debaterem em grupos sobre esses diferentes trajetos e as diferentes perspectivas sobre o que significa morar na cidade de Nova Venécia para cada um.

Ao todo, a atividade foi feita por cinco turmas do turno matutino, o que corresponde a uma média de 40 alunos por turma. Não foi delimitada a quantidade de grupos ou de alunos por grupos para dialogarem entre si, eles apenas deveriam apresentar os resultados das discussões individualmente em texto, bem como o desenho do percurso. Para fins de avaliação, só foi considerado o fato de terem feito, não o conteúdo.

O resultado obtido não foi o esperado, embora eles tenham se engajado, a potencialidade da atividade não foi constatada na prática. Em parte deve-se levar em consideração que a cidade é uma cidade pequena, com aproximadamente 50 mil habitantes segundo o Censo de 2022, onde os conflitos de classe e as contradições são mais disfarçadas. Porém, também houve problemas metodológicos, pois, os alunos ainda não haviam desenvolvido um letramento sociológico, o fez com que houvesse pouquíssimos elementos críticos.

Entretanto, apesar dos problemas e dificuldades encontrados com a metodologia abordada, a cidade continua a se configurar um elemento didático para o ensino da disciplina. Dessa forma, com a cartografia urbana presentes no imaginário dos alunos, é sempre possível exemplificar os elementos da teoria sociológica de forma compreensível.

Em suma, a experimentação não surtiu os resultados esperados, mas foi um ótimo aprendizado para as próximas aulas sobre o tema. Todos os autores apresentados em sala de aula tiveram como meta mais ampla servir como ferramentas teóricas para refinar o pensamento crítico dos educandos. A ideia nunca foi de que os alunos saíssem especialistas em sociologia ao final do ano com diversos autores na ponta da língua, mas sim que as ideias centrais servissem cotidianamente em sua vivência como citadinos e cidadãos.

A pesquisa justifica-se pela urgência de ressignificar o ensino da disciplina em um cenário de apagamento curricular com temas urbanos tratados de forma fragmentada, sem

articulação teórica, naturalização das desigualdades e no potencial emancipatório, pois a debatemos a cidade como linguagem comum para desvelar estruturas sociais (BOURDIEU, 1989). Nesse contexto, o tema do artigo é o desenvolvimento da transposição didática dos itinerários formativos do novo ensino médio para um conhecimento inteligível em sala de aula.

METODOLOGIA

A metodologia está inserida na abordagem qualitativa em duas direções: a primeira é o relato de experiência com base na observação participante em sala de aula, a segunda é a revisão bibliográfica integrativa de conceitos fundamentais para refletir o caso empírico, desenvolvendo avanços sobre um protótipo de metodologia em sala de aula para o ensino de sociologia.

A inspiração teórico-empírica em que o trabalho será embasado é a pedagogia de Paulo Freire, no qual o professor se torna um facilitador, guiando o educando a explorarem suas próprias ideias e realidades (Freire, 1996; 2005). Portanto, a sociologia urbana seria uma ferramenta para ajudar o professor na introdução da própria sociologia ao mundo do aluno.

O texto do artigo será estruturado em quatro movimentos: 1) Fundamentação teórico: diálogo entre sociologia urbana e pedagogia freireana; 2) Relato de experiência: Exposição da atividade realizada em sala de aula com observação participante; 3) Reflexão crítica: Análise dos desafios, resultados e propostas de aprimoramento da prática didática de uma sociologia escolar enraizada no cidade; 4) Encaminhamentos futuros: Sugestões baseadas nos achados do estudo para futuras pesquisas e intervenções

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: OS "PAIS" DA SOCIOLOGIA E A CIDADE

A história da sociologia não é restrita ao estudo da vida urbana, mas a sua formação foi profundamente influenciada pelas transformações sociais decorrentes dos efeitos do êxodo rural, da industrialização e do crescimento das cidades. Devido a esse histórico dos Pais da Sociologia (Durkheim, Marx e Weber), mas não só eles, sociólogos contemporâneos tais como Pierre Bourdieu (1997) e Norbert Elias (2000) também possuem célebres estudos urbanos, demonstram como a cidade pode ser um *lócus* frutífero para explicar a sociologia enquanto compreendemos melhor a cidade com as lentes e ferramentas mais qualificados.

Auguste Comte, que cunhou o termo sociologia, a considerando como a mais complexa das ciências, pensou em uma disciplina com a capacidade de tanto garantir o progresso,

reafirmando o espírito esperançoso que iluminava o pensamento europeu no início do século XIX, quanto de ser capaz de prover respostas necessárias para a manutenção da ordem social, em um mundo onde a ideia do progresso aprofundava a percepção das contradições sociais na dinâmica da vida urbana (Aron,1999).

Na mesma linha, influenciado por Comte, Durkheim também vai refletir sobre o fenômeno urbano trazendo seus conceitos de "solidariedade mecânica" e "solidariedade orgânica", mas sua grande contribuição será no estudo da anomia social aprofundada até os sociólogos mais recentes (leia- se Pierre Bourdieu, como exemplo na tradição francesa), buscando manter a ordem social para que o tecido social não fosse esgarçado a tal ponto que não houvesse sociedade. Portanto, a sociologia tem se preocupado em refletir sobre o fenômeno urbano e as complexas relações e contradições que circulam as ruas e avenidas no desenvolvimento da malha urbana no momento em que a modernidade nasce no horizonte da história (Aron,1999).

Assim, para o caso da inserção do autor de Karl Marx, conceitos abstratos como mais valia, alienação, exército industrial de reserva, luta de classes e meritocracia se tornam mais evidentes na realidade trazendo alguns dados. Do ponto de vista mais histórico, dados que entre 1800-1850, houve o crescimento populacional da Europa foi de 43%, havia baixa expectativa de vida (38 anos), jornadas de 12 a 16 horas, crianças de 9 anos trabalhavam 9 horas, 13 a 16 anos – 12 horas. Esse era o contexto do trabalho no mundo europeu, mais especificamente das cidades inglesas em que Marx e Engels denunciam em seus escritos (Quintaneiro, 2002). Feita essa exposição, o autor e a questão da desigualdade urbe se tornam mais evidentes em que seus conceitos podem ser retomados com exemplos sobre a cidade em que está sendo realizada a aula, pensando criticamente a questão no Brasil contemporâneo auxiliando os jovens a elucubrar o mundo que os rodeia. O raio-x do capitalismo realizado por Marx, evidencia características notórias em todas as cidades brasileiras, a desigualdade urbana. É o grande elemento trazido para a aula com valor para se aproximar ao mundo vivido pelo aluno, dando sentido a discussão de sala de aula.

Em Max Weber, o desencantamento do mundo, a teoria da burocracia na administração do Estado moderno, o poder e a dominação foram priorizados para esse contexto da união de Weber e a cidade. Weber nos diz que a reforma protestante teve como um de seus efeitos a ascensão do sistema capitalista. A religião protestante em seu início, em específico a Calvinista, ao contrário do catolicismo, promoveu o acúmulo de riquezas, o empreendedorismo e a

poupança, elementos estes tidos como essenciais para que ocorresse a salvação da alma de cada um. Conforme os indivíduos foram aderindo a esta religião, começou a surgir um novo sistema econômico completamente diferente do sistema feudal: o capitalismo. Ou seja, a conversão das pessoas para uma nova religião modificou suas ações sociais, ações essas que quando praticadas em larga escala possuem a capacidade de mudar o sistema econômico por completo. O autor não afirma que o capitalismo foi criado pela reforma protestante ou que o capitalismo criou a reforma protestante, a ideia é a retroalimentação dos dois, há então afinidades entre as duas em determinado contexto. Ele chama isso de afinidades eletivas (Quintaneiro, 2002).

Nesse desencantamento do mundo, na criação do Estado e da administração moderna, define o Estado com a prerrogativa do Monopólio do uso da força legítima. O Estado é, na modernidade, a única entidade que possui a legitimidade para impor o seu domínio à força (Quintaneiro, 2002). Contudo, quando inserimos a realidade da cidade do Rio de Janeiro, um caso exemplar, por ter um filme conhecido chamado Tropa de Elite, em larga medida por exemplo, mesmo que o argumento pode ser trazido para outras cidades, percebemos o grande controle dos poderes paralelos sobre o território fluminense.

Os dados mostram que em cerca de 16 anos o controle dos grupos armados, milícias e traficantes dobrou na área do Grande Rio. No ano de 2008, as áreas sob domínio das milícias eram cerca de 9%, em 2024 expandiu para 18%, crescendo 204%. Já as áreas dominadas pelo tráfico cresceram até 89% (Alves, 2024). Evidenciando completo descontrole do Estado por parte do território dentro do Estado do Rio de Janeiro. Esses fatos demonstram diversos elementos para serem trazidos em sala de aula para discussão do desencantamento do mundo, teoria da burocracia, do Estado Moderno e inclusive debater a existência de poderes paralelos extremamente fortificados em que ditam suas regras, leis e tem completa força de mando sobre o seu território de domínio. Dessa forma, os educandos podem refletir em conjunto e conosco sobre a teoria Weberiana e a realidade das cidades brasileiras atuais.

Em suma, todos os autores apresentados em sala de aula tiveram como meta mais ampla servir como ferramentas teóricas para refinar o pensamento crítico dos educandos. A ideia nunca foi de que os alunos saíssem especialistas em sociologia ao final do ano com diversos autores na ponta da língua, mas sim que as ideias centrais servissem cotidianamente em sua vivência como citadinos e cidadãos.

Paulo Freire (2005) oferece a chave pedagógica para esse debate sua crítica à educação bancária condena a transferência mecânica de conceitos desenraizados da realidade discente Freire propõe em vez disso a pedagogia problematizadora onde o educador parte do universo vivido dos alunos para construir conhecimento junto a eles nessa perspectiva a cidade opera como um código gerador um território concreto onde os conceitos abstratos ganham materialidade o professor assume o papel de mediador entre os saberes cotidianos e o conhecimento científico.

Paulo Freire, Sociologia e a cidade

Paulo Freire (1996), aborda em seu livro Pedagogia da Autonomia a importância dos saberes fundamentais para a formação docente e a construção da autonomia dos educandos. Os três pilares centrais do livro são: formação docente, saberes fundamentais e reflexão sobre a prática educativa progressiva em favor da autonomia.

No texto a ideia de que ensinar exige rigorosidade metódica, é o achado de grande validade para todos os docentes. Um conceito peculiar de Paulo Freire que pode ser interpretado de forma distinta de como o autor quis dizer. Para ele, ensinar exige pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criticidade, ética e estética. O educador democrático deve criar oportunidades para a construção do conhecimento em conjunto com os alunos.

Para o autor, há grande importância da pesquisa no processo de ensino, também a necessidade da valorização dos saberes dos educandos. A necessidade de criticidade, ética e estética no ato de ensinar, promovendo a construção conjunta do conhecimento. Nesse contexto, a especificidade humana do ato de ensinar, que requer segurança, competência profissional e generosidade. Assim, o professor não apenas respeita, mas também discute os saberes dos alunos e os relaciona com os conteúdos da disciplina.

Freire (1996) salienta a necessidade do professor construir conhecimento junto com os alunos, promovendo uma atuação crítica na sociedade. Uma das grandes bandeiras e importantes achados do autor é a mudança de paradigma do professor como detentor do saber para um facilitador na construção do conhecimento com os alunos. Dessa forma, para produzir a Pedagogia da autonomia é necessário discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação ao ensino dos conteúdos. O professor tem o dever de não só respeitar os saberes dos alunos, como também discutir com eles relação desses saberes com os conteúdos da disciplina.

Assim, Paulo Freire (2005) defende que ensino do conteúdo não poderia ser o que chamou de “educação bancária”, no qual é o modelo pedagógico em que o professor é visto

como depositário de conhecimento, enquanto o aluno é o recipiente passivo que o recebe. Não, toda sua teoria se recusa a seguir esse modelo, defendendo que a educação não pode estar desvinculada da realidade do aluno. Essa potente ideia deve ser vivida em sala de aula em todas as disciplinas do conhecimento. Em especial, no caso em tela, nas aulas de sociologia, essa conexão entre a realidade do aluno e o conteúdo programático não pode ser desfeita com o perigo da matéria não produzir a reflexão que a própria sociologia se produz no ensino médio.

A cidade assim reafirma-se como laboratório pedagógico espaço onde os clássicos deixam de ser nomes distantes para se tornarem ferramentas de decifração do mundo imediato dos estudantes essa é a essência da proposta freireana transformar o chão da sala de aula em território de investigação crítica da realidade social que nos cerca e nos constitui.

Em suma, a discussão sobre currículo será aprofundada na próxima seção, em seguida apresentada a experiência em sala de aula propriamente dita.

RELATO DE EXPERIÊNCIA: EXPOSIÇÃO DA ATIVIDADE REALIZADA EM SALA DE AULA COM OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE.

a) Pano de fundo: Currículo e reforma do ensino médio

O atual documento orientador, a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), não traz diretrizes claras para que os Estados construam os currículos, deixando muitas lacunas, sobretudo sobre o propósito da disciplina, o que parece ser um evidente retrocesso em relação ao que foi construído anteriormente em relação ao currículo. Segundo Bodart (2021) a LDB de 1996 canonizava a Sociologia como uma disciplina responsável por formar cidadãos críticos, o que, apesar da ambição, não era nem de longe competência única e exclusiva da disciplina. Uma outra definição importante foi dada pelas Organizações Curriculares Nacionais de Sociologia (OCEM-Sociologia) em 2006, que definiam o estranhamento e a desnaturalização como o papel central do pensamento sociológico. No entanto, Bodart (2021) argumenta que, apesar de ser um avanço em relação à LDB (1996), ainda oferecia uma resposta limitada sobre o propósito da disciplina, pois não oferecia o destaque necessário que a história, a dialética e a relação indivíduo-sociedade têm na definição dos fenômenos sociais.

A BNCC deixa uma abertura para currículos como o do Espírito Santo, o qual foi atualizado em 2020 com a organização dos conteúdos por área de conhecimento. Nele, são definidas as temáticas, os conteúdos e as habilidades a serem trabalhadas por todas as disciplinas da área, bem como as especificidades de cada uma delas. No caso da Sociologia, o currículo estabelece como objetivo "construir uma atitude reflexiva por parte dos estudantes,

propiciando a interpretação das diversas manifestações sociais da vida cotidiana que os cercam" (ESPÍRITO SANTO, 2020). No entanto, usando Bodart (2021) como referência crítica, o currículo não avança muito além do estranhamento e da desnaturalização, deixando de explicitar de forma consistente seus fundamentos e significados epistemológicos.

Além disso, a função ético-política atribuída à disciplina é apresentada de forma genérica e superficial, restringindo a Sociologia à formação de cidadãos, sem destacar seu potencial analítico nem a importância de seu conteúdo científico. Isso abre espaço para abordagens moralizantes, desvinculadas de qualquer compromisso ou sensibilidade em relação à realidade social. Outro ponto crítico é a ausência de articulação com teorias clássicas ou menções a autores fundamentais da área. Temas como "violência urbana", "segregação espacial" e "dinâmicas populacionais" são tratados de maneira isolada, sem uma integração teórica clara, e acabam sendo repetidos em outras disciplinas da área. Isso enfraquece a presença da Sociologia no currículo e compromete sua identidade disciplinar.

Para Bodart (2021) a Sociologia escolar deve objetivar a percepção relacional dos fenômenos sociais, ou seja, compreendendo-os como resultado de processos históricos dinâmicos e dialéticos, marcados por relações de poder, interdependência entre os indivíduos e a estrutura social, e pela interiorização dessas estruturas na construção das subjetividades individuais. As outras disciplinas também fazem uso dessa abordagem epistemológica, mas são as Ciências Sociais que mais se preocuparam e contribuíram para compreender essas relações.

b) A descrição da experiência em sala de aula.

Diante de todas as considerações colocadas, foi proposto uma atividade experimental para os alunos da Escola Estadual de Ensino Médio Dom Daniel Comboni na cidade de Nova Venécia, Espírito Santo, a fim de trabalhar os conteúdos, habilidades e expectativas de aprendizagem descritos no currículo da 1ª série para o 1º trimestre. Os alunos nunca haviam sido apresentados à sociologia até então, portanto era preciso instigá-los a refletirem sobre a realidade onde estavam inseridos: a cidade. Pois, refletir sobre a cidade motivou o surgimento da sociologia e inspirou os autores clássicos, também provocaria os alunos a compreenderem melhor a proposta da disciplina. A atividade foi aplicada em dias diferentes, na segunda aula de fevereiro de 2025 com as 5 turmas de 1ª série do turno matutino, o que corresponde a uma média de 40 alunos por turma.

A atividade foi concebida em dupla, fruto de uma parceria construída desde a graduação em Ciências Sociais na PUC-Rio, que, desde então, tem proporcionado ricas trocas entre Rio de Janeiro e Espírito Santo. Na prática, a divisão de tarefas se deu entre um professor aplicador

— Igor, graduado em Ciências Sociais e assumindo pela primeira vez uma sala de aula como professor de Sociologia, em uma cidade onde a disciplina ainda enfrenta resistências —, e um professor colaborador — Bruno, pesquisador na área de estudos urbanos. A partir de conversas que surgiram das inquietações sobre os desafios do início da prática docente e das questões relativas à transposição didática, foi construída conjuntamente uma estratégia que toma a cidade como ponto de partida para a introdução dos autores iniciais da teoria sociológica.

A atividade se respalda inteiramente nas orientações curriculares da Secretaria Estadual de Educação do Espírito Santo para o 1º trimestre da disciplina de Sociologia. Ela corresponde à habilidade EM13CHS101SOC/ES:

> "Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias sociológicas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais, interpretando e analisando conceitos sociológicos acerca de senso comum, conhecimento científico, entendendo a sociedade e seu espaço, analisando o meio urbano e campesino para compreender a segregação social e seus impactos no meio ambiente." (ESPÍRITO SANTO, 2025, p. 12)

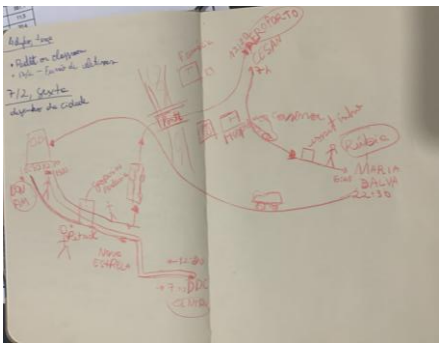
A cidade foi apresentada como um problema complexo que surgiu, da forma como conhecemos hoje, em um contexto rupturas com a ordem política, social e econômica da Idade Média. Assim, conversamos sobre os problemas relacionados à cidade de forma geral e como ela poderia ser diferente para cada habitante a depender de onde mora. De início foi perguntado o que havia em São Paulo? A escolha da cidade não foi aleatória, afinal é a maior cidade do país. Após várias respostas dos alunos, respondi: - Gente estranha. Para além da brincadeira implicante com os paulistas, que gerou boas risadas dos alunos, a intenção era contrastar a vida em uma vila rural com a vida em uma cidade grande, destacando a diferenciação social como ponto de partida, que mais para frente ajudaria com a apresentação dos conceitos de solidariedade orgânica e mecânica de Durkheim.

Trazendo em perspectiva a cidade onde os alunos vivem, onde o mito fundador se limita a contar a história da chegada dos imigrantes italianos que chegaram a partir de 1890. Mas a cidade foi e é palco de contradições e disputas, desde o extermínio dos vários povos indígenas que viviam na região (Tupinambás, Pip-Nuks, Giporoks e Angrêtes), escravização de africanos e a concentração de poder e terras na mão de algumas famílias (PIVA & PIVA, 2022). A cidade também foi fundada por cearenses fugidos da seca, baianos e mineiros, porém a história contada através dos monumentos da cidade e festas comemorativas ignoram isso (VELOSO, 2021).

Todo esse apagamento pode ser percebido na separação do espaço urbano, quais bairros têm mais negros? Quais têm mais brancos? Quais têm mais comércios, farmácias, mercados e escolas? Onde há mais ricos? Onde há mais pobres? Todos esses questionamentos foram feitos

em sala como forma de sensibilização. Após essas perguntas, passei um exercício para fazerem em casa, mapeando o fluxo deles na cidade com um desenho em uma folha de papel de forma rudimentar os trajetos que realizam diariamente na cidade, incluindo horários e meios de transporte usados, bem como os custos. Para ficar mais visual, foi projetado uma imagem com um modelo do que estava sendo pedido utilizando com os fluxos do próprio professor aplicador na cidade ao longo do dia (Figura 1). Na aula seguinte eles deveriam debater em sala em grupos sobre esses diferentes trajetos e as diferentes perspectivas sobre o que significa morar na cidade de Nova Venécia para cada um.

Figura 1 - Desenho feito para servir de exemplo para os alunos.



Fonte: Elaboração própria pelos autores

No contexto da cidade há apenas duas escolas em área urbana que oferecem o Ensino Médio no diuturnamente, sendo uma o Instituto Federal e a outra é a escola estadual onde foi realizada a atividade. Portanto, é uma escola que reúne alunos de diferentes contextos sociais e econômicos, o que permite contato com uma grande diversidade de leituras sociais, ainda que com certas limitações.

Quanto à realização do diálogo entre os alunos, não foi delimitado a quantidade de grupos ou de alunos por grupos, apenas deveriam apresentar os resultados das discussões individualmente em texto, bem como o desenho do percurso. Para fins de avaliação, só foi considerado o fato de terem feito, não o conteúdo.

O experimento tomou por inspiração os desenhos do livro "Um mundo dividido: A estrutura social dos índios Apinayé" do Roberto DaMatta lançado em 1976, onde ele apresenta sua pesquisa de mestrado feita com os indígenas Apinayé ao final dos anos 1960. Nos desenhos os indígenas estudados retratam suas aldeias de diferentes formas, possibilitando observar como eles percebem o lugar onde vivem (DaMatta, 2023) (Figura 2).

Figura 2 - Representação dos Apinayé

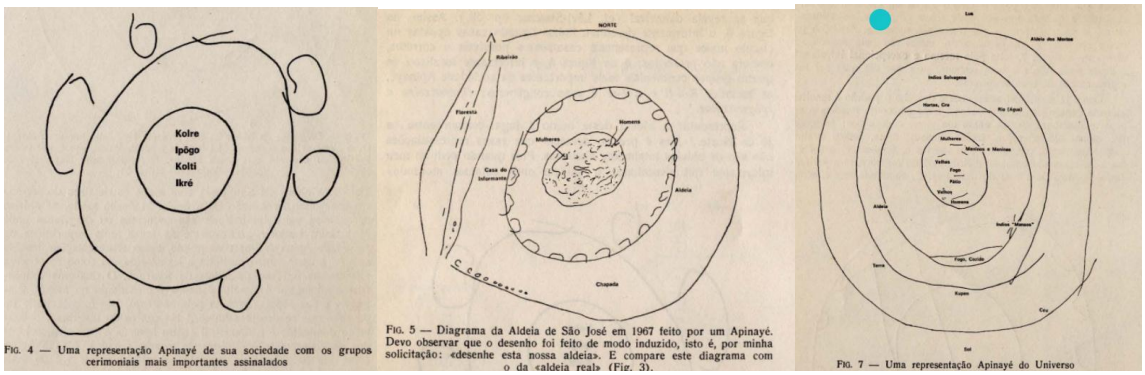


FIG. 4 — Uma representação Apinayé de sua sociedade com os grupos cerimoniais mais importantes assinalados

FIG. 5 — Diagrama da Aldeia de São José em 1967 feito por um Apinayé. Devo observar que o desenho foi feito de modo induzido, isto é, por minha solicitação: «desenhe esta nossa aldeia». E compare este diagrama com o da «aldeia real» (Fig. 3).

FIG. 7 — Uma representação Apinayé do Universo

Fonte: DaMatta, 2023

REFLEXÃO CRÍTICA: ANÁLISE DOS DESAFIOS, RESULTADOS E PROPOSTAS DE APRIMORAMENTO DA PRÁTICA DIDÁTICA

Os alunos fizeram boas representações, mas tiveram dificuldade na hora de dialogar sobre as diferenças encontradas entre as próprias representações e as dos colegas. Em parte deve-se levar em consideração que a cidade é uma cidade pequena, com aproximadamente 50 mil habitantes segundo o Censo de 2022 (IBGE, 2023), onde os conflitos de classe e as contradições são mais disfarçadas, e frequentemente invisibilizadas. Porém, os principais problemas foram de ordem metodológica, pois a ausência de um planejamento mais direcionado e delimitado fez com que o debate em relação aos desenhos fosse abstrato demais para alunos em fase de introdução à análise crítica sociológica, ou seja, houve barreiras claras para a compreensão.

Fazendo uma leitura a *posteriori*, a atividade teria sido mais proveitosa se as representações fossem construídas a partir da observação participante em bairros específicos destacando melhor as questões que deveriam observar e comparar com os dos colegas. Outra possibilidade que pode ser aplicada futuramente é inverter a ordem, aplicando a atividade para análise crítica da própria realidade social após ensinar os conceitos e teorias.

Entretanto, apesar dos problemas e dificuldades encontrados com a metodologia abordada, a cidade continua a se configurar um elemento didático para o ensino da disciplina. Da mesma forma que Bourdieu em "O Poder Simbólico" (1989) usa da geografia para exemplificar a construção do campo social, através dos modelos da cartografia urbana presentes no imaginário dos alunos, é sempre possível exemplificar os elementos da teoria sociológica de forma compreensível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, o presente texto foi um do marco inaugural em nossa trajetória como docentes e pesquisadores no ensino de sociologia, pois significou uma preliminar reflexão de

aprimoramento das primeiras aulas de sociologia em que lecionamos em toda turma de ensino médio: Os Pais da sociologia. Uma tarefa necessária, mas árdua, da qual devemos atravessar com os alunos da qual a sociologia urbana pode nos fornecer importantes ferramentas didático-metodológicas.

A sociologia urbana demonstrou ser um recurso eficaz na transposição didática dos conteúdos clássicos da Sociologia, por proporcionar materialidade a ela. A abordagem Freireana permitiu um ensino mais dialógico e significativo para os educandos tornando o espaço da sala aula um espaço inteligível e de apresentação de ferramentas conceituais importantes para desenvolvimento da reflexão crítica.

O artigo permitiu qualificar a necessidade de pesquisas mais aprofundadas sobre os impactos dessa metodologia na aprendizagem dos alunos e muitas outras para boa transposição do conhecimento dos itinerários formativos para o chão da sala de aula.

REFERÊNCIAS

ALVES, Tatiana. Domínio de grupos armados no RJ dobra em 16 anos. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 15 abr. 2024. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/geral/audio/2024-04/dominio-de-grupos-armados-no-rj-dobra-em-16-anos#:~:text=A%20capital%20fluminense%20%C3%A9%20uma,7%25%20de%20dom%C3%ADnio%20nessas%20regi%C3%B5es. Acesso em: 03/01/2025.

ARON, Raymond. As etapas do pensamento sociológico: tradução de Scrgio Bath. - 5; ed. - São Paulo: **Martins Fontes**, 1999.

BODART, C. N.; SILVA, R. S. Quem leciona Sociologia após 10 anos de presença no ensino médio brasileiro? In: BODART, C. N.; LIMA, W. L. S. (Org.). O ensino de Sociologia no Brasil. Maceió: **Editora Café com Sociologia**, 2019. v. 1, p. 35-58.

BOURDIEU, Pierre**.** Efeitos de lugar. In: BOURDIEU, Pierre. *A miséria do mundo.* Petrópolis: **Vozes**, 1997. p. 151–162.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Tradução de Fernando Tomaz. Lisboa: **DIFEL Difusão Editorial**, 1989.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo Escolar da Educação Básica 2024**: Resumo Técnico. Brasília, 2025.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza. 5ª edição. **Editora Brasiliense**, 1989.

DAMATTA, Roberto. Um mundo dividido: A estrutura social dos índios Apinayé. 1. ed. Rio de Janeiro: **Rocco**, 2023.

Elias, Norbert; Scotson, John. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade; tradução, Vera Ribeiro; Tradução do posfácio à edição

alemã, Pedro Sussekind; apresentação e revisão técnica, Federico Neiburg - Rio de Janeiro: **Jorge Zahar** Ed, 2000.

ESPÍRITO SANTO. **Secretaria de Estado da Educação.** *Currículo do Espírito Santo: Ensino Médio: Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.* Vitória: SEDU, 2020. Disponível em: https://curriculoes.es.gov.br/. Acesso em: 15 fev. 2025.

ESPÍRITO SANTO. Secretaria de Estado da Educação. *Currículo do Espírito Santo: Etapa Ensino Médio.* Vitória: **SEDU**, 2021. Acesso em: 16 fevereiro, 2025.

ESPÍRITO SANTO. Secretaria de Estado da Educação. *Orientações Curriculares - Ensino Médio 2025: Sociologia.* Vitória: **SEDU**, 2025. Disponível em: <https://curriculo.sedu.es.gov.br/curriculo/orientacoescurriculares/>. Acesso em: *8 de junho de 2025*.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 1996.

_____. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 2005.

_____; FAUNDEZ, Antonio. *Por uma pedagogia da pergunta*. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA**.** *Censo Demográfico 2022: população residente, área territorial e densidade demográfica*. **Sidra: sistema IBGE de recuperação automática**, Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: https://sidra.ibge.gov.br/tabela/4714. Acesso em: 15 jun. 2025.

PIVA, Izabel Maria da Penha; PIVA, Rogério Frigerio. Guerras e massacres: o genocídio dos povos indígenas no Vale do Cricaré. **Revista do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo**, Vitória, ano 6, n. 11, p. 180-185, jan./jun. 2022. Disponível em: https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Revista_APEES_numero_11_ISSN2763535X.pdf. Acesso em: *8 de junho de 2025*.

QUINTANEIRO, Tania. Um toque dos clássicos: Marx, Durhkeim e Weber. 2.ed. rev.amp. - Belo Horizonte: **Editora UFMG**, 2002.

VELOSO, Gearley Leopoldino. *Memórias, identidades e territorialidades em Nova Venécia: reflexões sobre o eurocentrismo e racismo.* Nova Venécia, ES: **IFES**, 2021. Disponível em: https://repositorio.ifes.edu.br/handle/123456789/1334. Acesso em: *8 de junho de 2025*.